

Projeto PIBIC/2021-2022

Alienação De Negras¹ E Negros Em Achille Mbembe

Introdução

O presente projeto pretende analisar a obra *Crítica da Razão Negra* trazendo para o centro da pesquisa aquilo que Mbembe não trata como central, a saber, pensar a alienação como uma dimensão decisiva da questão negra. Ele será guiado pela pergunta: *O que é alienação para negros em Achille Mbembe?*

Inicialmente é fundamental reconhecer que Mbembe, nessa obra, não dá um tratamento exaustivo ao conceito de alienação. Entretanto, há inúmeras passagens em que o autor utiliza o termo para apresentar e desenvolver dimensões específicas da experiência negra durante a obra. Por isso, será necessário reconstruir (1) as passagens em que Mbembe lida com esse conceito com a pretensão de explicitar seu significado. Em seguida, será necessário compreender três momentos em que Achille Mbembe aponta como relacionados e constitutivos da alienação negra, a saber, (2) a escravidão, (3) o colonialismo e por fim (4) o Apartheid. Nesse momento vale destacar a tensão que envolve o escravo, em particular, o Negro em geral que, mesmo submetidos aos dispositivos de sujeição, sempre podem se revoltar:

[...] em virtude da maldição a que está condenada a sua existência e da possibilidade de insurreição radical que, não obstante, leva consigo e que jamais será completamente anulada pelos dispositivos de sujeição [...] é justamente a possibilidade de um acontecimento singular, ‘a revolta dos escravos’ (MBEMBE, 2018, pp. 76-77).

Partindo dessa citação para a análise da obra, é possível tirar alguns apontamentos. Fica claro que os negros não são totalmente assujeitados, porém é necessário percorrer o caminho desde a difração originária do humano moderno até a sua máxima, configurado como o *apartheid* “momento em que o Estado, de forma explícita, fez da raça a alavanca de uma luta social geral destinada, dali em diante, a percorrer de fora a fora o corpo social e a manter um vínculo perene com o direito e a lei.” (MBEMBE, 2018, p. 108).

Dessa difração originária se deduz, geralmente, que o *eu autêntico se teria tornado um outro*. Um eu alheio (alienado) teria sido colocado no lugar do eu próprio, fazendo assim do negro o portador, a despeito dele, de significados secretos, de obscuras intenções, de um inquietante estranhamento que comanda a sua existência sem seu conhecimento e que confere a certos aspectos da sua vida psíquica e política um caráter noturno e quiçá demoníaco (MBEMBE, 2018, pp. 187-188).

¹ No corpo deste projeto, a essencial marcação de gênero será substituída pelo uso comum “negros”.

Essa difração originária que Mbembe começa citando é a criação de um eu próprio e um eu estrangeiro, a imagem, a qual é quase sempre lembrada na literatura negra pelo confronto do colonizado tanto com esta imagem quanto com a lembrança de captura, a lembrança da colônia que associou sua descendência a uma imagem de terror. Assim, perpassa-se essa cisão no interior do Ser com a difração, a imagem substitui o antigo eu autêntico, o qual se torna inteiramente alienado e vítima dela própria. Pois esta alienação, esse desmembramento implica ao Negro significados inteiramente negativos, demoníacos, além de comandar sua existência até mesmo sem ele estar ciente.

Em primeiro lugar, como sugerimos nos capítulos precedentes, o da *separação de si mesmo*. Essa separação teria acarretado uma tal perda de familiaridade consigo mesmo que o sujeito, tornado estranho a si mesmo, teria sido relegado a uma identidade alienada e quase inerte. Assim, em vez do ser junto a si mesmo (outro nome da tradição), que deveria ter sido sempre a sua experiência, ter-se-ia constituído numa alteridade na qual o eu teria deixado de se reconhecer: o espectáculo da cisão e do desmembramento (MBEMBE, 2018, p. 143)

Mbembe ao analisar a origem e as consequências da separação de si mesmo, indica que de forma imposta, ela deixou ao Negro uma identidade alienada e quase imóvel, sem mudanças. Para essa questão, o autor lembra de três acontecimentos canônicos na existência do Negro, são estes a escravatura; a colonização “uma forma de poder constituinte, cuja relação com o solo, com as populações e com o território associou, de maneira inédita na história da humanidade, as três lógicas da raça, da burocracia e dos negócios (*commercium*)” (MBEMBE, 2018, p. 109); e o *apartheid* que expressam esse desmembramento do ser. Ou seja, esses três momentos históricos podem ser encarados como formas históricas em que a alienação negra está presente, assim como ajudaram a criar a difração originária. A que produz a imagem do eu estrangeiro, que é uma imagem negativa seja pelas memórias resgatadas que ocorreram nos períodos históricos citados, seja por ser uma criação fictícia dos colonizadores. E ambas — memórias e a imagem criada e imposta — se encontram em constante conflito com o colonizado ao ponto do eu estrangeiro, forçado de forma violenta, se sobrepor ao próprio Negro. E dessa forma, no ponto que o Negro passa a reproduzir fielmente a imagem criada pelo colonizador sobre ele mesmo, é que a alienação começa a existir de fato. Ou seja, de acordo com essa análise do texto de Mbembe, uma forma de compreender o sentido amplo de alienação que está presente em toda obra reúne um conjunto de aspectos tais como “domesticação”, “perda de familiaridade consigo mesmo”; ser “estranho a si mesmo”; ter uma “identidade [...] quase inerte”; sofrer a experiência de não reconhecimento, de objetificação, “cisão e desmembramento”. Essas dimensões tomadas em conjunto permitem

que Mbembe possa afirmar que “a alienação começa de fato” no momento em que o Negro se auto repudia e passa a reproduzir a imagem negativa criada pelo seu algoz ou, nas palavras do autor, a alienação tem início quando o Negro “reproduz fielmente essa imago [negativa] como se ela fosse não só verdadeira, mas também de sua autoria” (MBEMBE, 2018, p. 202).

Vale lembrar também das consequências que Mbembe extrai da alienação. Sendo resumidas pelas conhecidas ações do capitalismo e colonialismo no mundo, infligidas na materialidade, a serviço do Capital

genocídios e extermínios no Novo Mundo e na Austrália, tráfico de escravos no triângulo atlântico, conquistas coloniais em África, na Ásia e na América do Sul, *apartheid* na África do Sul e, um pouco por todo o lado, espoliações, depredações, expropriações e pilhagens em nome do capital e do lucro, e, para coroar o conjunto, vernaculização da alienação” (MBEMBE, 2018, p. 91).

Ou também, e com não menos danos materiais, pelos efeitos mais teóricos e subjetivos, como a fantasia da raça num geral, a vernaculização da alienação, a existência dessa imagem estrangeira que transforma a vida do Negro em algo demoníaco e a morte ou fragmentação de sua identidade. Sua identidade fracionada não poderá se tornar inteira se apoiando ou negando totalmente suas diferenças — a diferença positiva pode abrir possibilidades futuras ao reconhecer o indivíduo enquanto tal. A identidade do Negro só existe no devir, em um fluxo permanente que se alimenta das próprias diferenças entre os negros e das relações com o resto do mundo, a totalidade do mundo humano.

Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é compreender como a alienação está presente em Mbembe, principalmente na obra *Crítica da Razão Negra*, através dos objetivos específicos:

1. *Investigar os contornos da alienação na obra Crítica da Razão Negra*
2. *Analisar a relação entre alienação e escravidão na obra Crítica da Razão Negra*
3. *Analisar a relação entre alienação e colonialismo na obra Crítica da Razão Negra*
4. *Analisar a relação entre alienação e apartheid na obra Crítica da Razão Negra*

Metodologia

O método adotado é o de análise de textos que, diga-se, também foi o que orientou a construção desse projeto. Análise tanto da obra principal que concerne este projeto, assim como de outros textos mencionados nas referências.

Cronograma de Execução

Cada item do cronograma de execução apresentado será devidamente encerrado com uma reunião entre orientador e orientando

Segue abaixo as atividades que serão realizadas de acordo com o Cronograma de Execução:

ATIVIDADES	Primeiro trimestre	Segundo trimestre	Terceiro trimestre	Quarto trimestre
Investigar os contornos da alienação na obra <i>Crítica da Razão Negra</i>	X			
Analisar a relação entre alienação e escravidão na obra <i>Crítica da Razão Negra</i>		X		
Relatório Parcial		X		
Analisar a relação entre alienação e colonialismo na obra <i>Crítica da Razão Negra</i>			X	
Analisar a relação entre alienação e <i>apartheid</i> na obra <i>Crítica da Razão Negra</i>				X
Relatório Final				X
Reuniões de orientação	X	X	X	X

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Liana Depieri. *Pensatempos, Cosmopolitismo e Afropolitanismo: perspectivas híbridas do pensamento africano*. 2015. 126 f. Tese (Mestrado) – Curso de Letras, Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2015.

BOULAGA, Fabien Eboussi. *La crise du Muntu: Authenticité africaine et philosophie*. Paris: Editions Présence Africaine, 2000.

DUBOIS, Laurent. *Translator's Introduction*. In: MBEMBE, Achille. *Critique of Black Reason*. Durham: Duke University Press, 2017.

_____, Frantz. *Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1968.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____, Frantz. *Racismo e Cultura*. In: MANOEL, Jones; FAZZIO, Gabriel Landi organizador. *Revolução Africana: Uma Antologia do Pensamento Marxista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FROMM, Erich. *O Conceito Marxista de Homem*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1983.

ILGES, Michelle Cirne. *A produção de ciências sociais no continente africano e a agência do CODESRIA*. 2016. 199 f. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências Sociais, Universidade De São Paulo, São Paulo, 2016.

LIMA, Claudia Silva. *De uma África sem história e razão à filosofia africana*. 2017. 153 f. Tese (Mestrado) – Curso de História, Universidade Federal Do Maranhão, São Luís, 2017.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. A Europa já não é mais o centro de gravidade do mundo. [Entrevista concedida a] Arlette Fargeau, *Le Messenger*, Out. 3, 2013.

_____. As formas africanas de auto-inscrição. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 23, no. 1, pp. 171-209, 2001.

_____. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, no. 32, pp. 123-151, dez. 2016.

_____. *Políticas da Inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.

_____. *Sair da Grande Noite: Ensaio Sobre a África Descolonizada*. Luanda: Edições Mulemba, 2014.

_____. Thinking in lightning and thunder. [Entrevista concedida a] Seloua Luste Boulbina. *Critical philosophy of race*, Vol. 4, No. 2, pp. 145-162, 2016.

MEDEIROS, Claudio. A filosofia política de Achille Mbembe: racismo e saída da democracia. *Ensaios Filosóficos*, Vol. XVIII, pp. 83-96, Dez./2018.

MÉSZÁROS, I. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.